

Do inusitado da notícia para a crônica

From the unusual in news to the chronicle

Lealis Conceição Guimarães*

* Doutora em Licenciaturas de Língua Portuguesa pela UNESP-Assis-SP. Coordenadora e docente do curso de Letras da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR).
e-mail: <lealis.guimaraes@unopar.br>

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar o processo de transfiguração paródica de uma notícia policial em um texto literário, através da análise da crônica **Patroas do mundo inteiro, uni-vos**, do escritor brasileiro contemporâneo Moacyr Scliar, publicada no jornal "Folha de São Paulo".

Palavras-chave: crônica, Moacyr Scliar, inusitado, notícia policial.

Abstract

*This work aimed at presenting the parody transfiguration process of police news into a literary text through the analysis of the chronicle **Patroas do mundo inteiro, uni-vos**, written by Moacyr Scliar, a contemporary Brazilian writer, published in Folha de São Paulo.*

Key words: chronicle, Moacyr Scliar, unusual, police news.

A crônica **Patroas do mundo inteiro, uni-vos**, publicada em 13 de julho de 1995 na coluna "Boletim de Ocorrência", relaciona-se com a notícia "Patroa é acusada de roubar empregada", escrita por Carlos Alberto de Souza, também divulgada pelo jornal *Folha de São Paulo*, na página 3 do caderno "Cotidiano", no dia 7 do mesmo mês e ano, ilustrada com uma foto da empregada, Beatriz, e outra da patroa, Sílvia.

A notícia "Patroa é acusada de roubar empregada", traduz um fato policial insólito, quase inverossímil dentro de parâmetros sociais considerados lógicos, já que relata o episódio de uma dona de casa indiciada por estelionato, acusada de ter roubado três folhas de cheque da sua empregada. Segundo apurou o jornal, dois cheques foram usados para pagar compras de supermercado, supostamente para abastecer a casa com alimentos.

O cronista não só se fixa no aspecto inusitado do fato noticiado, ou seja, uma patroa que furta cheques de sua empregada, como também se apropria de outras informações apresentadas no texto jornalístico, como a classe social a que pertence a patroa, a desavença entre ela e a empregada e o salário atrasado da empregada, para consumir a crítica à falsa superioridade de uma classe sobre a outra e às estruturas de poder.

Como se pode observar, a própria notícia implica o destronamento social da patroa, ou seja, o seu rebaixamento. O processo depreciativo se assemelha a uma *gangorra grotesca* (BAKHTIN, 1993, p. 325), que enfatiza a descida, muda o ritmo habitual do cotidiano e viola o que está socialmente determinado. Assim, a patroa desce a um nível econômico mais baixo e, em decorrência, é também rebaixada na escala social.

Quanto à crônica, apresenta, em tom de oratória, como a suposta vítima se defende da acusação de

roubar o cheque da empregada e desencadeia, assim, um desequilíbrio que provoca o riso

O seu título, **Patroas do mundo inteiro, uni-vos**, tem forte apelo evocativo e sua linguagem retórica remete aos escritos de Marx e Engels, no "Manifesto do Partido Comunista", publicado em 1948. As palavras finais deste documento, incorporado na história universal, ressoam como um grito de guerra: *Proletários de todos os países, uni-vos!* (MARX; ENGELS, 1988, p. 109). O decalco lingüístico é evidente e, pelo procedimento paródico, a crise financeira da patroa da classe média brasileira é transportada para um espaço maior – o mundo inteiro –, alcançando uma ressonância mais ampla.

Essa espécie de grito de guerra que incita uma luta de classe às avessas é reforçado no desenrolar do próprio manifesto da patroa, colocando-a numa ridícula situação de lutadora, que reivindica supostos direitos adquiridos como classe social superior à da empregada doméstica.

Define-se então a máscara grotesca de uma sociedade que valoriza a aparência. A presença do grotesco no discurso literário, que narra uma situação insólita, suscita riso no leitor pela excentricidade.

A crônica em questão é uma narrativa escrita em primeira pessoa, em estilo monológico marcado pela oralidade, que se utiliza de função apelativa da linguagem, através do manifesto feito em nome de uma classe (as patroas) que se considera oprimida e clama por justiça social.

O emprego da primeira pessoa é o recurso usado pelo autor para legitimar a experiência do narrador-personagem, com o fim de tornar a ficção mais verossímil. Por apresentar apenas a visão unilateral da patroa, o discurso, configurando a inversão paródica,

põe em foco uma suposta polêmica sobre direitos e deveres da classe social a que a patroa pertence.

Percebe-se que há uma inversão dos valores do modelo de relação social comumente conhecido, em termos de quem é oprimido e quem é opressor. Isso pode ser comprovado com o primeiro segmento da referida crônica, em que a patroa tenta desesperadamente retomar os direitos do “status” social perdido:

Companheiras patroas, estas linhas representam um desabafo, um apelo à comunhão de sentimentos, mas também – e por que não? – um manifesto. Companheiras patroas, está na hora de termos o nosso manifesto, um documento que expresse os nossos direitos inalienáveis e sagrados. Somente quem, como eu, passou pelo mais duro transe capaz de atingir uma patroa, está em condições de, desfiando fibra por fibra o coração, escrever a plataforma da Internacional das Patroas.

Observa-se que a crônica aproveita o tema da notícia e estabelece relação paródica com o texto comunista e com outros textos, através da inversão da linguagem, em forma de manifesto.

A crítica se estende, ainda, ao excessivo sentimentalismo da poesia *Ser Mãe*, da autoria de Coelho Neto, muito difundida na década de cinquenta do nosso século. A referida poesia diz que “Ser mãe é desdobrar fibra por fibra o coração” e, mudando-se o sujeito da frase, afirma-se que também a patroa é capaz de desfiar fibra por fibra o coração.

Ao clamar pelo que julga ser um direito legítimo, a patroa emprega o vocativo típico das falanges socialistas revolucionárias: *companheiras patroas*.

Do mesmo modo, como se a sociedade fosse composta de juizes prontos para julgá-la, ela apela para os *senhores*, tentando o diálogo para justificar seu ato como legítima defesa, por ter sofrido pressão psicológica da empregada, pertencente a uma classe social considerada inferior.

A ironia mordaz alastra-se por todo o desenrolar da narrativa, que se apóia na oposição entre “ser” e “parecer”, e é nessa natureza contraditória da sociedade burguesa representada pela patroa que se instaura o humor crítico da crônica. A patroa não consegue resolver seus próprios problemas e sente-se vilipendiada, visto que sua vida se fundamenta no “dinheiro” e a falta deste a transforma num ser em conflito com a própria identidade.

Assim, a crônica evidencia o conflito do “eu” (a patroa, antes socialmente bem-sucedida) contra a “outra” (a empregada, agora em melhor situação), e a constante tensão dele oriunda, como se pode perceber no decorrer da narrativa, em que a linguagem é uma mistura da norma culta (*eufemismos*, *empedernido*) com a popular, destacando-se o emprego das gírias *qual é, pô?* e *tem de se ferrar*, que conota o rebaixamento do linguajar e da condição social da protagonista. O emprego dos adjetivos *simples e brutal*, de forma antitética, ilustra bem a situação já mencionada.

Novamente salienta-se a revolta da patroa, por ter perdido a aparente força que o dinheiro confere às pessoas. Em vista disso, a queda do poder da burguesia, sustentada por tais valores, está ressaltada no texto, através da menção da patroa às regalias do passado

(*éramos tratadas com reverência*), que agora não existem mais (*Hoje, não temos nem poder, nem dinheiro*). As duas fases da vida da patroa são bem marcadas, no texto da crônica, com ênfase ao tempo: *nosso tempo passou ... e Hoje, não temos... .*

Na crônica, ratifica-se a reverência do capitalismo à força representada pelo dinheiro. A oposição entre poder e opressão, riqueza e pobreza, define essa sociedade: quem tem dinheiro tem poder e quem não tem vive oprimido. Os relacionamentos humanos se valorizam de acordo com os interesses monetários, pois dependem do poder aquisitivo das pessoas, como conotam os questionamentos da patroa que, diante da situação que está vivendo, sente-se oprimida pela empregada: *E quem nos oprime e nos empobrece, companheiras patroas? Hein?*

Em resposta, a própria patroa acusa a empregada como responsável por sua decrescente posição financeira e social quando, no início deste fragmento, responde à pergunta feita anteriormente, como se pode observar:

Elas, companheiras patroas. As nossas empregadas. Hoje em dia dependemos tanto dessa elite (elite sim; massa somos nós) que já não podemos fazer mais nada sem elas. Vivemos sob um regime de constante terror. O que são as nossas manhãs de segunda-feira, companheiras patroas? O que são, senão uma constante e torturante dúvida – ela virá ou não? Somos obrigadas a nos nutrir, companheiras patroas, de expectativas messiânicas. Somos obrigadas a crer firmemente na vinda delas, sob pena de nossa mais completa desestabilização emocional!

Nesse trecho, a patroa rotula, ironicamente, a sua classe (as patroas) como “massa” (*massa somos nós*), visto que ela, agora sem dinheiro, deixou de ser “elite”.

Quanto à linguagem, observa-se o emprego de hipérboles, como:

vivemos sob um regime de constante terror, somos obrigadas a nos nutrir [...] de expectativas messiânicas e a crer firmemente na vinda delas e sob pena de nossa mais completa desestabilização emocional.

São manifestações com sentido dubio, devido à força do exagero sem fundamento, que, simultaneamente, revelam a intensidade do desequilíbrio emocional da patroa e provocam o riso melancólico.

A expressão *expectativas messiânicas*, reforçada por *crer firmemente na vinda delas*, uma alusão à cultura judaico-cristã, refere-se à interminável espera da patroa pela vinda da empregada que não chega.

No desenrolar da crônica, e especialmente nos excertos a seguir, o humor satírico de Scliar se manifesta nitidamente através do discurso da patroa que luta com as armas do sarcasmo e da zombaria contra a outra categoria, que ela havia sempre explorado e que entra em cena como reverso do *status quo*, ao ocupar o lugar de classe detentora do poder na sociedade.

Diante de tal conjuntura, a patroa evoca a necessidade de mais união da classe prejudicada, as patroas, para se inteirarem do grave problema que as tortura. Ressalta-se, aqui, a terrível frustração dela, sem o objeto mais valioso

da sociedade capitalista – o dinheiro. A referência à falta de recursos para aplicações financeiras, em *CDBs*, *RDBs*, *commodities*, *dólares*, reforça crítica-mente a derrocada da patroa, visto que se conscientiza da sua incapacidade de continuar desempenhando o papel de classe dominante.

A repetição do substantivo *erro* e do adjetivo plural *inadimplentes* enfatiza a carência de condições financeiras da categoria das patroas, muito preocupada com o supérfluo necessário para a manutenção de sua condição social. A exagerada dimensão dada ao problema, transformado em *angústia existencial*, atua como recurso irônico do autor para complementar a absurda defesa que a personagem faz de sua classe.

Além disso, a patroa tenta justificar por que havia roubado os cheques da empregada. Diferentemente do que apurou a reportagem jornalística (“dois cheques ... foram usados em um supermercado e em um minimercado, respectivamente”), a personagem “patroa” declara, na crônica, que se sente humilhada, porque teve que usar os cheques para pagar a própria empregada. A desavença entre a patroa e a empregada, segundo a notícia, devia-se à falta de pagamento do salário da doméstica, o que corrobora, na crônica, a disputa pelo poder social, alicerçado no financeiro.

Observa-se que o final desta crônica tem um teor nitidamente político-socialista de crítica ao capitalismo, tal como as últimas linhas do *Manifesto do Partido Comunista*, que diz: “Os proletários nada têm a perder com ela, a não ser suas cadeias. E têm um mundo a ganhar.” (MARX; ENGELS, 1988, p. 109).

Mantendo o mesmo tom persuasivo, a crônica, com uma linguagem mais coloquial que a do citado manifesto, focaliza a protagonista que conclama a união das patroas, com palavras de ordem como: “Nada temos a perder, a não ser as nossas algemas e também alguns confortos extras, como a limpeza da casa, lavagem de pratos, etc.”

Lutando contra o seu rebaixamento evidente, numa alusão à postura histórica de determinados condenados à morte, a patroa brada categoricamente: “Mas eu, particularmente, estou disposta a marchar de cabeça erguida para o sacrifício.” Reforça-se, aqui, a importância da necessidade que ela tem de manter as aparências para garantir o seu lugar na sociedade em que vive.

Mais adiante, o cronista, numa referência à História do Brasil, emprega palavras de efeito tragicômico ao parodiar as últimas palavras da conhecida carta-renúncia escrita pelo ex-presidente Getúlio Vargas, em 1954, pouco antes de morrer (*Saio da vida para entrar na História*), com a seguinte expressão da patroa: *eu saio da vida para entrar na cozinha*.

Num discurso autoritário de caráter polêmico e em tom gradativo ascendente como este, a repetição da expressão *se for preciso* denota ironicamente a necessidade de reforçar a idéia de que a situação não

é definitiva e deve sempre ser encarada como anormal, ou até grotesca.

A crônica pode ser considerada uma espécie de *discurso-apelo*, denominação usada por Bakhtin (BAKHTIN, 1981, p. 208), que significa a invocação, pelo discurso, de atenção para si, para o outro, ou para o mundo. O discurso da personagem, em que a narração tenta legitimar o apelo, apresenta rupturas em que se encaixam os chamamentos – *companheiras patroas* – em tom incitante. Ela provoca uma tensão contínua porque não aceita a inversão de valores, que derruba o critério de autoridade, abolindo a suposta lei que diferencia os seres humanos por classes sociais.

Neste discurso, a fala da protagonista apresenta uma variedade de pronomes em constante troca, passando de “nós” ou “eu” para “vocês”, apelando sempre para a reação do interlocutor ausente.

Tendo em vista que esta crônica apresenta um diálogo entre a patroa ofendida e o interlocutor invisível, a classe das patroas a qual ela pertence, nota-se que este segundo interlocutor está presente apenas no vocativo *companheiras patroas* empregado constantemente pela protagonista, bradando por uma reação que não acontece.

Como se observa, esta narrativa ficcional, que tem como palavra-chave “patroa” (a protagonista), consta de cinco partes: o apelo, a justificativa, a espera messiânica, a confissão da inadimplência e o sacrifício. “Patroa” é o vocábulo que norteia a coerência narrativa da crônica e, além de explicitar um sentido autoritário, subentende-se, também, a exploração da força de trabalho do empregado, assunto muito discutido pelo marxismo.

Assim, entende-se que a crônica faz uma crítica ao sistema de valores da sociedade burguesa capitalista, centrada no poder do dinheiro e na aparência. Isso problematiza a questão do “ser” e do “parecer”, que aflige o homem como membro dessa comunidade, em que muitas vezes a valorização do aspecto exterior das pessoas desmerece a sua verdadeira essência.

Referências

BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global, 1988.

SCLIAR, M. Patroas do mundo inteiro, uni-vos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 jul. 1995. Caderno 3, p. 2.

SOUZA, C. A. Patroa é acusada de roubar empregada. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 jul. 1995. Caderno 3, p. 3.

